

Mountain

voices

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XXII | #150 | jul/ago 2016



ROTAS NO RS QUE
VOCÊ DEVE FAZER
ANTES DE MORRER

NOVAS VIAS E LOCAIS
EM PERNAMBUCO

PARQUES DO
VALE DO RIBEIRA

ESCALADA

TRADICIONAL

MONTANHISMO

SEGUNDA PELE
ThermoPlus
Underwear técnico

MELHOR ABSORÇÃO
ALTA PROTEÇÃO TÉRMICA

Novo tecido

MAIS ELASTICIDADE
ANTI-PILLING

LANÇAMENTOS
INVERNO 2016

T-SHIRT MASCULINO

T-SHIRT FEMININO

NOVA MOCHILA
EXTREME 35L

IDEAL PARA
TEMPERATURAS EXTREMAS

VELODY
Ultra light fabric

CORINUA
RESISTÊNCIA E
DURABILIDADE

YKK
ZIPERES
INVERTIDOS

/curtlobr

CONHEÇA A LINHA COMPLETA DE
SEGUNDA PELE EM WWW.CURTLO.COM.BR

Aonde você for!

www.curtlo.com.br

Uma marca notável

Os montanhistas brasileiros têm uma boa razão para erguer um brinde: Mountain Voices chegou à sua 150ª edição! Este não é um feito menor. No Brasil, todos os periódicos relacionados às atividades de montanha tiveram vida curta, quando não curtíssima, e à parte a bem cuidada revista Montanhas, que ainda tenta se firmar em seus primeiros números com aparições irregulares, hoje apenas o bom e velho MV nos proporciona certeza de leitura regular na mídia impressa especializada brasileira.

ANDRÉ ILHA | RJ

As causas para esta dificuldade são variadas, sendo a principal delas um mercado consumidor ainda um tanto restrito. Mesmo assim, ele talvez fosse suficiente para suportar com folga uma ou mais publicações simultâneas caso não se observasse uma clara falta de comprometimento e de apoio a iniciativas do gênero por uma parcela considerável da nossa comunidade. Com efeito, muitos caminhantes e escaladores hesitam em empregar uns tostões para assinar ou adquirir exemplares avulsos de nossas revistas e jornais a cada dois ou três meses, ao mesmo tempo que não se importam em gastar diversas vezes mais em uma única ida a um barzinho à noite. Os livros e guias impressos padecem do mesmo problema, o que é desestimulante para novos e velhos autores, e o número até surpreendente que já possuímos desses títulos, alguns

muito bons, deve-se mais ao amor à camisa de um punhado de abnegados do que a qualquer expectativa concreta de retorno do investimento feito. Mountain Voices, no entanto, contou habilmente este problema graças a um formato editorial modesto, porém variado em conteúdo, bancado com exclusividade por anunciantes e distribuído gratuitamente em clubes, muros, lojas e outros pontos de convergência de montanhistas, o que garante ampla divulgação de suas matérias. Assim, a cada dois meses tomamos conhecimento de novas e promissoras áreas de escalada espalhadas por todo o país; das espetaculares realizações dos nossos escaladores de ponta; dos resultados dos principais campeonatos; de expedições brasileiras a maciços distantes; e de reflexões sobre os mais variados aspectos da nossa atividade. Alternativamente, quem quiser pode recebê-lo em casa, pagando por isso

apenas uma módica assinatura, que cobre pouco mais do que as despesas de expedição. Além disso, em sintonia com os novos tempos, e ampliando ainda mais o seu alcance, MV agora também se encontra disponível em versão digital, o que decerto facilita a consulta pelos interessados na grande quantidade de informações valiosas contidas em suas páginas. Uma das causas do sucesso de Mountain Voices é o fato de que ele cobre sem preconceitos todo o espectro das atividades relacionadas às caminhadas e escaladas. De fato, vemos em suas páginas um equilíbrio de matérias sobre todas as modalidades do esporte: tradicional, esportiva, bouldering, alta montanha e outras. Há até duas seções fixas cobrindo aspectos diametralmente opostos: a escalada de competição, que contou durante anos com o olhar atento de André Berezo

ski, agora substituído por Jean Ouriques com foco em outra modalidade de alta performance, a escalada esportiva – eles próprios dois expoentes destas modalidades; e as caminhadas moderadas, alvo da interminável (ainda bem!) série “Belas Pedras”, de Alberto Ortenblad, agora sucedida por outra sobre nossos parques naturais, textos que nos lembram e relembram que o montanhismo de qualidade não está, de forma alguma, restrito aos maciços mais badalados, e que excursões agradáveis em montanha podem ser encontradas em locais improváveis, de relevo pouco dramático. Por tudo isso, o esforço empregado para nos proporcionar de dois em dois meses uma nova edição do Mountain Voices deve ser reconhecido e louvado por todos nós, e torçamos para que muitas edições mais venham. Eu, por exemplo, já aguardo ansioso pelo próximo número!

TRILHAS & RUMOS

A SUA COMPANHEIRA DE AVENTURAS

MOCHILA CAMPUS NET 2

TODA EM LONA DE NAILON REFORÇADO, COM ALÇAS ANATÔMICAS E ALÇA DE MÃO PARA TRANSPORTE. PERFEITA PARA A TRILHA OU PARA O DIA A DIA.

MOCHILA CRAMPON 31

RESISTENTE, CONTA COM BOLSO FRONTAL COM DIVISÕES PARA CELULAR, DOCUMENTOS E ITENS PESSOAIS E CONTEM CAPA DE CHUVA EMBUTIDA PARA PROTEÇÃO.

ABRIGO TRILHAS WIND

PROTEGE DO VENTO E DA UMIDADE COM CONFORTO. IDEAL PARA ATIVIDADES AO AR LIVRE, BIKE OU MOTO E OCUPA POUCO ESPAÇO.

MOCHILA CRAMPON 50

ESPAÇOSA PARA CONTER SUPRIMENTOS DE VIAGENS MAIS LONGAS EM AMBIENTES URBANOS.

MOCHILA CRAMPON 40

SUAS ALÇAS MAIS RÍGIDAS GARANTEM UM MAIOR CONFORTO E PODE SER UTILIZADA TANTO EM TRILHAS COMO NA IDA AO TRABALHO OU FACULDADE.

BARRACA FLASH 2

LEVE E PRÁTICA, COMPORTA ATÉ DUAS PESSOAS E TEM RESISTÊNCIA DE 2.000MM DE COLUNA D'ÁGUA.

SACO DE DORMIR ESSENCE

CONTA COM EMBALAGEM ACOPLADA, QUE SERVE DE BOLSA DE TRANSPORTE E TAMBÉM COMO TRAVESSEIRO. IDEAL PARA BAIXAS TEMPERATURAS.

ARRA EM ALUMÍNIO POTA 2

CONJUNTO COMPLETO DE ARMAÇÃO EM ALUMÍNIO PARA A BARRACA COTA 2 (TOTAL DE 18 SEGMENTOS)

TRILHASERUMOS

WWW.TRILHASERUMOS.COM.BR

21 2742-9652

www.solo.ind.br

VISTA SUA LIBERDADE

Internacional

Num desses dias sombrios e chuvosos do sul do Brasil, com a televisão ligada e ansiosa pelo mundo lá fora, entre projetos, papéis e tarefas, ouço a chamada de um programa no mínimo curioso. O título em português era Fugindo do Caos e mostrava seus participantes em ambientes ditos hostis, isolados, simples demais ou assustadores, os quais cada um chamava carinhosamente de lar. Sim, eles haviam preferido cavernas, florestas, barcos e montanhas ao normalmente habitado por seres 'normais': prédios, terrenos minúsculos cercados de casas por todos os lados, ou ainda casas imensas para três pessoas.

Alessandra Arriada | RS

O programa televisivo mostrava pessoas comuns, que haviam cansado do excesso de estímulos, cobranças e futilidades da sociedade moderna e havia trocado tudo isso por uma vida mais simples e sossegada, construindo sua própria casa, preparando sua própria comida e vivendo com menos e mais ao mesmo tempo. Um casal retirava a seiva de algumas árvores, fervia em seu forno de barro o líquido até este se transformar em um delicioso xarope de figueira o qual seria comercializado em troca de outros suprimentos e ferramentas. Outro vivia em seu barco, com a pesca como subsistência e um senhor de meia idade, percorria com seus dois cavalos e uma barraca, o sul dos Estados Unidos em busca de seu melhor lar provisório até que os ventos ou a fumaça das florestas, o levassem para longe dali.

Outro caso de entrega e desapego venho acompanhando faz algum tempo nas redes sociais. Seu trabalho começa com uma pergunta inquietante: Onde é meu escritório agora (Where's my office now)? Ela traz de imediato a angústia do motivo de vivermos em um só lugar, presos a alguma coisa ou a algo, com escritórios ou trabalhos fixos limitantes, nos impedindo ir em busca de coisas importantes para nós, como liberdade, experiências, movimento,

alegrias, nos acostumando a viver estas sensações somente nos finais de semana ou nas férias. Emily King e seu parceiro vivem em um furgão já há quatro anos e atualmente, além do trabalho online, dão consultoria para aqueles que estão receosos do primeiro passo para a liberdade. Eles também montaram uma série na internet sobre outros projetos semelhantes, sobre pessoas que não tem uma casa convencional, os nômades modernos, e acreditam ser o mundo inteiro o seu lar. Cerca de 12 casos como o deles, com histórias pessoais incríveis com conceitos bem distintos de trabalho, rotina e um dia após o outro. Cada dia começa com o despertar do sol, com o comer de acordo com o lugar, com conversas de acordo com as pessoas, com o observar do seu próprio ritmo e não o dos lugares, ou dos outros. Muitos foram desenvolvendo a habilidade de se sentir confortável para lidar não só com situações inesperadas, como com o medo, do desconhecido, do fora do comum. Esta coragem, segundo Emily, é algo a se aprender, algo que não aparece da noite para o dia e requer autoconhecimento e treino, e um contínuo enfrentamento de situações desconfortáveis, algumas pequenas outras grandes, e por enfrentar a situação com atitude e aceitação. Esses projetos

têm em comum uma vontade de viver a vida leve, considerando não ser absolutamente nada garantido e tudo possível, colocando nossos valores usuais sobre profunda reflexão. Quem somos e pra quê viemos parar aqui? Do que realmente precisamos para viver? Como vivemos nos faz sentir vivos? O nosso trabalho nos satisfaz ou nos oprime? Somos os criadores de nossa história ou deixamos o ambiente ditar nossa realidade? O que estamos esperando?

Outro exemplo é o SimplyAdventure, apesar do nome, é brazuca, e também é outra iniciativa de vida livre, simples, nômade. Um casal de Santa Catarina, escalador, e eu preciso dizer, se conheceram no meu aniversário, por obra do destino ou às custas da minha idade, e hoje sonhando nas estradas e dividindo com todos uma vida com preceitos mais humanitários, ecológicos, coerentes. Em um furgão, a Tonelada, eles partem para uma volta ao mundo em etapas, em três anos, onde pretendem trabalhar, se divertir e compartilhar. Em seu site, eles dividem também o aprendizado ao longo do caminho, como ser mais simples, mais saudável, mais feliz. Com a alta do dólar deram uma parada, voltaram, se adaptaram, montaram palestras, buscaram

ajuda, tudo condizente com esse espírito, inventar sempre, fluir, deixar levar e ir atrás ao mesmo tempo. O espírito das estradas, da liberdade e dessa reinvenção toda dos valores, dos desejos e aspirações dessa sociedade ou geração atual.

Com isso a gente vislumbra um monte de caminhos. Seguimos com nossa vida, nosso banho quentinho, nossa sala cheia de confortos, nossos amigos do final de semana, mas no entanto, vibraremos nas possibilidades de algumas escolhas em nosso dia a dia que nos aproxime muito ou pouco do viver livre e simples, depende de cada um. Pronto, o caminho do meio está aí, e já iniciamos um processo de melhores escolhas, melhores hábitos, pra então cada um começar a perceber suas prioridades, suas perspectivas, seu eu interior e com coragem ir atrás daquilo que faz seu coração vibrar e torna sua vida mais plena, seja se manter em uma zona de conforto e se permitir de vez em quando algo novo, seja se planejar melhor para vivenciar ao máximo experiências interessantes, ou mergulhar tempo integral em algo que acredita. Cada um é cada um, mas saber que tudo é possível, e acreditar, de coração nisso, com certeza torna tudo mais interessante. Boas escaladas, boas viagens e bons ventos a todos.

Tribos

Jean Ouriques | MG

E a reunião começa aos gritos desentendidos de todos os lados como se fosse um barco com 20 remadores e cada um remado para onde querem, dentre os barulhos oriundos daquelas bocas gravei alguns fortemente em mim e queria compartilhar com vo....Ahhhhhhh eles gritam mais alto afinal o nível de testosterona para provar o macho alfa subiu demais!!! Deixa eles gritarem...

Competição não é escalada! Grita um cara com um rack cheio de friends e nuts. Boulder é apenas treino de crianças! Afirma com toda verdade o senhor de cabelos brancos ao lado e uma mochila anos 90 e a sapatilha do tamanho que dá para passear no shopping.

Escalada tradicional é para os fracos, gordos que gostam de desafiar a morte em teu's ridículos! Gritou aquele cara de 55kg facilmente confundido com o Bruce lee com o rack lotados de costuras e uma sapatilha que parece metade do pé dele.

Artificial é para playboy preguiçoso que não paga barra e quer gastar dinheiro! Gri-

tou o musculoso com o 2 crash pad's nas costas. Esportivo é para os medrosos que querem chapas de metro em metro! Afirma o cara do fundo com uma mochila de 20 litros camisa xadrez e duas cordas 8,0mm enroladas ao redor do peito! E eu grito mais alto que todos Calem-se!!! Não é porque você não gosta de competir que precisa denegrir o campeonato e ridicularizar os competidores. Não é porque você tem medo de voar seguro por peças moveis que tem que falar que esportivo é superior porque o grau que você escalar tem um número maior. Boulder não é só treino e é muito divertido você deveria experimentar, escalada tradicional é muito legal também. Cada modalidade tem a sua peculiaridade e desafios próprios, fazer um 7º grau de 10 enfiadas na maioria das vezes é mais difícil do fazer um 9º esportivo para mim, e isso não me faz sentir pior ou melhor que ninguém!

Será que o escalador esportivo não poderia ajudar a resolver um problema de acesso em um pico de móvel? Ou será que os escaladores de big wall não poderiam aju-

dar as entidades a realizar mais competições e prestigiar os eventos?

Já pararam para pensar que a maioria dos escaladores que iniciam hoje no esporte começa nos muros e academias ao redor do mundo e que competição de escalada (pelo menos na gringa) cresce cada ano mais que talvez a gente até vire esporte olímpico! E sim já vi muito escalador que começou em academia que virou escalador de parede de móvel, artificial e outros que venderam a primeira cadeirinha para o amigo porque agora quer só fazer boulder.

Sim, esse ano em abril realizei um sonho dos tempos de criança e fui campeão brasileiro de boulder em Curitiba, em um evento excelente realizado pela ABEE e a Campo Base, um evento que fiquei feliz em participar e perceber que a escalada de competição no Brasil pode se profissionalizar e quem sabe um dia chegamos em algum lugar.

Talvez a maioria das pessoas me conheça pelas competições ou até por algumas vias e boulders que já fiz pelo Brasil, mas o que nem todos sabem é que adoro es-

calar paredes e a maioria das trips de escalada que fiz em 2014 e 2015 foi destinada a paredes conhecidas e outras desconhecidas pelo Brasil e pela América do Sul, e em todas essas escalei coisas muito mais fáceis do que todos que me conhecem acham que eu faria. Escalada para mim não é só competir ou mandar a via mais difícil e tal... na verdade é um desafio pessoal de sempre estar em contato comigo, meus medos e minhas habilidades mentais e físicas para supera-los no momento necessário. Então toda aquela discussão do começo acho ridícula e desnecessária, por isso gritei mais alto que eles: "ninguém vai me colocar em nenhuma "tribo" da escalada, isso não funciona assim. Experimentar o que quiser, testar seus limites seja no boulder da academia ou nas paredes de Yosemite, isso é o que quero e desejo que todos os escaladores se encontrem na modalidade que for!"

Mais você que já decidiu a sua modalidade, não feche as portas quem sabe tentar algo novo não é o que você está precisando para animar a vida?! Um abraço e nos vemos nas pedras!



CASA DE PEDRA

Loja e Ginásio

Agora em um único endereço !

Rua Venâncio Aires, 31 - Água Branca, São Paulo, SP
Tel.: 11 98198-8267
www.casadepedra.com.br
www.escaladaindoor.com.br

Texto: Naoki Arima

Tiago Balen em *O herege*

As seis vias mais incríveis do Rio Grande do Sul

“Com o passar dos anos, as nossas motivações mudam”. Essa frase bem que poderia ser minha, mas é do famoso escalador alemão Bernd Arnold. De fato, hoje, olhando para o passado, vejo como ao longos dos mais de vinte anos de escalada as minhas motivações mudaram. Com certeza não sou o mesmo escalador que começou a escalar aos 14 anos de idade que, assim como qualquer jovem daquela idade, corria na veia a sede de conhecer o mundo e escalar todas as vias do Universo.

Ao longo dos anos, o amor pela escalada sempre se manteve inabalável mas as motivações e aspirações foram “evoluindo”. Se a 20 anos atrás escalava “pelo grau”, hoje em dia posso dizer que escalo por outros motivos, entre elas, pelo valor histórico das vias. Depois de provar centenas de vias descobri que algumas delas possuem um “toque mágico” que as tornam especial, as tornam um “clássico”!

É difícil definir o que torna uma via clássica. Não é apenas uma questão histórica, ou uma questão de unanimidade da comunidade. Talvez a seja estética dos movimentos... Na verdade eu particularmente ainda não consegui

entender isso. O fato é que ela existe!

Pensando nisso, resolvi separar 6 vias clássicas (esportivas e tradicionais) do Rio Grande do Sul que você precisa escalar ou ao menos conhecer antes de morrer. Gosto é uma coisa muito pessoal e com certeza não serei uma unanimidade. Algumas pessoas irão discordar das minhas escolhas, mas é apenas uma sugestão baseada na minha vivência. A lista também não está em ordem.

Via **Enferrujada** (6c) - Morro do Itacolomi - Gravataí. Localizada na face leste do “Ita”, para

os mais íntimos, essa via foi conquistada pelo pai do montanhismo gaúcho Sr. Edgar Kittelmann, Irene Fernandez, Norton Rodrigues e Roberto Capelari, provavelmente durante a década de sessenta. A via é uma grande fenda que corta toda a face leste do pico até o cume da montanha. Embora fendada, a via é toda protegida com proteções fixas. É tradição entre os escaladores passarem a manhã no “colo” da montanha e assim que o sol bate, migrar para o setor da “Enferrujada” para escalar essa e outras vias na sombra. Embora não seja comum entre os escaladores, sempre que podia, gostava de fazer o cume da montanha por essa via repetindo a segunda enfiada. Aliás, dar uma volta no cume

do “Ita” é um programa quase que obrigatório para quem visita esse que é considerado o berço do montanhismo gaúcho.

Via **Triton** (9a) - Morro do Itacolomi - Gravataí - Oposto a via Enferrujada, no setor conhecido como “colo”, ficam algumas das vias esportivas mais clássicas do estado. No entanto, uma via em especial é a “guria dos olhos” dos escaladores, a via Triton. Se a minha memória não estiver errada, a Triton foi a primeira via graduada em 9a no estado e foi encadenado pela primeira vez pelo famoso escalador Guilherme Zavaschi em 1994. Na verdade, por muitos anos ela foi considerada 8c e poucas pessoas ousavam dizer que

era 9a, pois havia o mito de que esse grau não existia ou que era impossível para os escaladores daquela época. Lembro com muita clareza e saudade as primeiras vezes que fui ao “Ita” em meados da década de noventa. Naquela época, apenas os melhores escaladores da época “malhavam” essa via. Por ser muito exigente, a maioria malhava em “top rope” e era comum ver a galera ficar horas pendurada na corda para isolar os lances. A via não tem mais do que 15m de altura, mas a linha é uma sucessão de boulders que inclui um dos botes mais bizarros que eu já vi e finaliza num diedro ao melhor estilo Yosemite. A primeira vez que entrei na Triton foi muito engraçado. Eu e o meu amigo Daiti Hamanaka resolvemos ir até o Ita para provar a via, mas como naquela época só os “melhores” malhavam, ficamos muito tímidos, então esperamos todos os escaladores descerem a montanha no final do dia até sobrar somente nós. Assim, com as últimas luzes do dia, montamos o top rope “às escondidas” e tendo apenas o sol como testemunha malhamos pela primeira vez a via. É claro que na ocasião não mandamos, mas lembro que ficamos muito felizes em ter chegado até o “crux do bote”.

Via **O Herege** (9a) - Gruta de Nossa Senhora de Lourdes - Caxias do Sul - A serra gaúcha é um grande celeiro de escaladores fortes. Escaladores como Jimerson Marta, Tiago Balen, Vinicius Toderro, Roni Andres e Dioni Capelari foram forjados nas duras vias da “Gruta”. E com certeza, a via “O herege” fez parte da formação deles e de muitos escaladores do Rio Grande do Sul. A via foi aberta no início da década de noventa (ou final dos anos oitenta) pelos escaladores Ralf Cortês (RJ) e Guilherme Zavaschi, dois dos melhores escaladores da época e dos dias atuais. Naquela época, na Gruta só havia 4 vias: um 6o grau, dois 7o e o “O Herege”, graduado em 8c na época. Assim, qualquer escalador da serra que

começasse a escalar sob a tutoria do Jimão, tinha de mandar o 7a (Lesão Cerebral), depois a via Utensílios da Igreja (7c) e depois “O herege” (8c), num processo “natural”. Por essas e outras, a via se tornou um benchmark da Gruta. Mandar a via era a coroação de todo um processo extremamente árduo, onde muitos tentaram e poucos conseguiram. Até nos dias de hoje, com mais de 40 vias na Gruta, “O herege” continua desafiando a nova geração de escaladores.

Via **Ronco do Bugio** (5o) - Pico da Canastra - Canela - Saindo das esportivas e entrando nas vias tradicionais, um clássico absoluto da escalada gaúcha é a via Ronco do Bugio, conquistada em 1982 pelos escaladores Luis Henrique Cony, Roberto Capelari e Eric Schinkoeth. O Rio Grande do Sul tem uma geografia relativamente plana, sem grandes picos e cadeiras de montanhas, por isso, as poucas montanhas com cume acessível somente via escalada são muito famosas e o Pico da Canastra é um deles. A escalada em si não apresenta grandes dificuldades técnicas, talvez por esse motivo a via seja tão frequentada e quista por muitos escaladores. Além disso, do cume da montanha se tem uma visão privilegiada de todo o vale. Com certeza uma excelente opção para quem busca uma via tranquila com uma bela vista da serra gaúcha.

Via **Viagem Retardada** (6c) - Pedra do Segredo - Caçapava do Sul - A região de Caçapava do Sul sempre foi muito famosa no montanhismo gaúcho, principalmente pela Pedra do Segredo que além de ser uma atração turística da cidade é um dos principais destinos dos escaladores. Dentre os inúmeros “clássicos” da região, a via “Viagem Retardada” (6c), conquistada pelos escaladores Rafael Britto e Luis Henrique Cony em 1995, tem um “plus a mais”. Diferentemente da maioria, essa via começa no meio da Pedra do

Segredo, mais especificamente de dentro de uma pequena gruta que fica a uns 100m da base. Acessar a base da via já é uma aventura em si, começá-la então... Pelo fato da via ficar “suspensa”, assim que você dá o primeiro passo, de imediato sente a exposição da via. E numa reação quase que instantânea quando você olha para cima para fugir da exposição, dá de cara com um pequeno teto a ser vencido. Ou seja, “se correr o bicho pega, se ficar o bicho come”. E se tudo isso não bastasse, a rocha da região é um conglomerado, uma rocha sedimentar com vários seixos de diversos tamanhos imersos num arcabouço arenoso. Ou seja, as agarras de mão são esses seixos que parecem que vão quebrar a qualquer hora. De fato, elas quebram sem a menor cerimônia... Mesmo com essa descrição um tanto quanto aterrorizante, a via “Viagem Retarda” é uma via incrível e bem protegida, que merece ser repetida em toda a sua plenitude.

Via **Papagaio Pirata** (6c) - Pico do Morcego - Bagé. Mais ao sul de Caçapava do Sul, entre as coxilhas a perder de vista, um complexo de montanhas chama a atenção de quem passa por aquela região. É o complexo de escalada de Bagé, formado por uma série de montanhas ruiformes. Dentre as diversas montanhas, uma em especial chama a atenção de montanhistas e não-montanhistas, o Pico do Morcego. Esse pico é totalmente diferente das outras montanhas do entorno e chama atenção pela imponência e verticalidade. O cume foi conquistado em 1976 pelos escaladores Edgar Kittelmann, Irene Fernandes, Norton Rodrigues e Roberto Capelari, porém, atualmente essa via está tomada pelos marimbondos, tornando a escalada impraticável. Dentre as outras 3 vias que fazem cume ao Pico do Morcego, a mais repetida é a via Papagaio Pirata (6c) conquistada pelos escaladores Rafael Britto, Francisco P. Zavaschi, Felipe P. Falcão e Leonardo Zavaschi em 1996. A via possui

aproximadamente 70m e está dividida em 3 enfiadas curtas. A escalada em si é bem característica do conglomerado da região: agarras em seixos duvidosos intercalado com pequenos buracos salvadores, mas o climax da escalada é, sem sombra de dúvida, o seu cume. Talvez esse seja um dos cumes mais icônicos da escalada gaúcha e com certeza um dos mais bonitos. Se você tiver a oportunidade de repeti-la no final do dia, com certeza será uma das melhores experiências da sua vida.

Enquanto descrevia os clássicos selecionados, me lembrava de outros que me remetiam a outras vias numa miríade quase que sem fim. Mas tentei separar aqui, até certo ponto, as vias que tenho maior apreço pessoal. Espero que esta pequena lista seja útil para os escaladores gaúchos conhecerem essas vias e aos de fora que pretendem conhecer a escalada gaúcha nas próximas férias, provarem um desses clássicos! Não vão se arrepender!

14 anos dedicados a oferecer o melhor para sua aventura.

www.penatrilha.com.br



Rua Apeninos 803 São Paulo SP
11 3562 1801



Texto: Cauí Vieira, PE

Quando me mudei para Recife, em meados de 2005, recém-iniciado no mundo da escalada e com muita fome de pedra, me deparei com um cenário de poucas vias de escalada no estado: Pedra Branca (Gravatá), Pedra do Cachorro (São Caitano), Pedra do Cruzeiro (Caruaru) e Brejo da Madre de Deus, cada um com uma ou duas vias apenas.

Felizmente, pra matar a “secura” tinha o Grupo Selva, um grande ginásio de escalada que fechou suas portas em 2007. Íamos muito para as margens da BR-101, cerca de 10 km ao sul de Recife, para escalar as quase 100 linhas de boulders abertas no pico conhecido como “Macaxeira”, geralmente a pele durava meio período devido à abrasão dos regletes, mas eu voltava sempre feliz pra casa após escalar no setor que até então era o mais desenvolvido do estado. Feriados prolongados nos permitiam viajar para outros estados (o que por aqui significa meros 200 ou 300 km) e curtir as vias em picos como Pedra da Boca/PB e Serra Caiada/RN. Mas sabíamos que tinha muita coisa pra explorar aqui no estado, entretanto, sem muita experiência de conquista e munidos apenas de batedores feitos em casa começamos a fazer visitas tímidas à Brejo da Madre de Deus, nessa época conquistamos, por exemplo, o *Rampão* (3° Vlsup E3 290m). Com a chegada do Dagoberto, que veio morar aqui e gostava muito de conquistar, as coisas começaram a acontecer mais rapidamente e eu acabei sendo contaminado pelo vírus da conquista!Propusemo-nos a organizar uma edição do Encontro de Escalado-

res do Nordeste, que aconteceu em 2010 em Brejo da Madre de Deus. Com o evento conseguimos apoio pra compra de material e tivemos acesso à nossa primeira furadeira, como ganhávamos uma ajuda de custo (convertida em combustível) da prefeitura local pra abrir vias pro EENe não se passava nenhum fim de semana sem conquistas. O evento foi um sucesso, e a consequência dele na cidade foi fantástica, pois Brejo se tornou o xodó dos escaladores do estado, contando hoje com cerca de 200 vias, mais que o dobro do que havia em 2010, além de um grupo de jovens escaladores na cidade.Focamos nossas energias por mutotempo lá, e ainda não esgotamos o potencial da cidade (da região nem se fala). Mas recentemente o que tem acontecido de mais interessante aqui em Pernambuco é o desenvolvimento de novos picos de escalada de alta qualidade e variedade de estilos. Nesse artigo vou falar um pouco sobre os principais, que são Macaparana, Triunfo e Belo Jardim, mas cada um deles daria um artigo à parte.

Macaparana

No início de 2014 eu estava andando

no meio do mato, fazendo um trabalho de prospecção de terras pra energia eólica quando me deparei com vários blocos de granito com até 40 metros de altura concentrados no alto de um morro, com um visual impressionante e estrada chegando até o pé das pedras! No final de semana seguinte estávamos lá com a furadeira e as chapas começando os trabalhos. Os blocos são variados, têm fendas de diversos tamanhos, chaminés e agarras, o que fez com que o pico se tornasse uma ótima escola de escalada esportiva e tradicional. Pra quem gosta de escalada esportiva, as vias são verticais, possuem de 10 a 30 metros, variando do IV ao 8b, e muitas delas possuem uma peculiaridade interessante: elas seguem em linha reta da base até o topo, geralmente em uma linha d’água onde se formaram agarras que, diferente dos regletes comuns de se encontrar por aqui, são pinças, pegadas laterais, grandes e pequenas! O que deixa a escalada bem técnica é o fato de estas agarras estarem somente na linha d’água, meio metro pra um lado ou pro outro não tem mais nada. As mais populares até agora são: *Liberdade* (7a), *Kagábuburá*, *Chave de Braço* e

Peido de Mocó (Vlsup), Ideia de Jerico (8b), *Terror na Teneré* (7b). E pra quem gosta de tradicional, entende-se “móvel”, a diversão também é garantida! Tem fenda frontal de mão, de punho, off offwidth, alguns diedros, chaminés largas e apertadas e algumas vias de proteção mista. *Fendência* (Vlsup), *Túnel de Vento* (Vsup), *Propaganda Enganosa* (VIIa), *Paella de Pequi* (VIIIa) são as mais clássicas. Alguns “cumes” são impressionantes, verdadeiras agulhas, onde cabem apenas uma pessoa em pé e garantem ótimas fotografias! Macaparana se tonou um pico bastante frequentado devido à relativa proximidade de Recife, pois antes tínhamos que viajar ao menos 200 km para chegar a algum local com boa concentração de vias. Agora são 130 km, até a base da pedra, onde é só descer do carro e escalar! Até a data de hoje são 35 vias abertas, e o potencial para novas vias ainda é bem grande por lá. Aos poucos vamos explorando novos setores, abrindo vias novas e encadeando os projetos. Seria injusto não mencionar um detalhe: a Pedra do Bico (como o local é conhecido turisticamente na região) pertence ao município de Salgado

de São Félix, estado da Paraíba. Mas como o acesso mais fácil é por Macaparana/PE, e a proximidade de Recife nos facilitou investir no desenvolvimento do local, acabamos pegando emprestado esse pedaço da Paraíba!

Triunfo

Duas das vias que já existiam na região antes de 2005 se chamam “*Ilusão do Sertão*” (Pedra do Cachorro) e “*Chuvada no Sertão*” (Pedra Branca), mas a pesar do nome sugestivo, ambas estão localizadas no agreste do estado (São Caetano e Gravatá respectivamente), e não no sertão. As vias são ótimas, mas a escalada realmente chegou ao sertão do estado somente em 2014, com o desenvolvimento de Triunfo. Quando pensamos em sertão o que vem à cabeça é a imagem da seca, do sol escaldante, dos cactus, e do chão rachado, mas Triunfo é literalmente o oásis do sertão pernambucano. Distante 400 km da capital, a cidade é a mais alta do estado, a quase 1000 m de altitude, e possui um clima bastante ameno, com temperaturas que podem chegar a menos de 15°C nos meses de junho a agosto. O clima bom trouxe o desenvolvimento do turismo pra cidade, que possui diversas opções de pousadas e restaurantes, além de um exótico teleférico que passa sobre a lagoa central. Mas falando do que realmente interessa, agora temos escalada de ótima qualidade com água na base das vias! Tudo começou com o convite do Alexandre Fernandes, escalador mineiro que se mudou pra Triunfo e logo descobriu os setores com potencial. Não demorou muito e nós fomos conhecer o granito de lá. Primeiro fomos ao “Poço do Grito”, conhecido pelos moradores locais devido aos poços formados pelo rio que corta um pequeno cânion. Saindo da cidade são alguns minutos descendo de carro uma estrada de pedras até a casa da dona Dora, que nos recebeu com muita simpatia, de lá, são cinco minutos caminhando até chegar ao primeiro setor, onde estão concentradas a maioria das vias, *Lampião* (VIIIb), *Maria Bonita* (VIIb), *Duque* (VIIb), *Rude* (Vlsup), *Não pare na Rampa* (VIIa), dentre outras. A pedra vermelha à primeira vista nos deu a impressão de que seria algum tipo de arenito, mas nos primeiros furos descobrimos que a pedra era bem dura, algumas brocas quebradas e realmente acreditamos que deve ser da família do granito. A coloração avermelhada é simplesmente poeira, mas as agarras realmente lembram um pouco formações areníticas, com diversos batentes. Saindo do setor do “Lampião” pode-se

seguir por dentro do rio, chegando ao setor mais amigável, com vias de IV a Vlsup, ou caminhar pela esquerda do rio, na parte superior do cânion, chegando ao “setor 232”. Este setor tem uma linda via que dá nome ao setor: BR-232, um sexto grau de 30 metros vertical com ótimas agarras, a proteção é toda fixa, mas recomendo fortemente subir com um jogo de friends e outro de stoppers e se deliciar com as ótimas opções de proteção nas fissuras descontínuas, verticais e horizontais que seguem do início ao final da via. Este setor comporta mais algumas vias fixas e outras mistas de igual beleza. Descendo mais ainda o rio, avista-se uma parede grande do lado direito, subindo um pouco pelo capim chega-se à base do setor “Caçador”. A primeira via daqui foi conquistada pelo Alexandre e por um caçador da região, que estava passando e viu o processo de conquista acontecendo e disse que gostaria de tentar bater um grampo também. Disse e o fez. O resultado foi “O *Caçador*”, Vlsup técnico até a primeira parada (25m) ou 7c até o topo (35m). Existem outras vias mais curtas e a possibilidade de abrir vias de até 100 metros por lá. A ASPER (Associação Pernambucana de Escalada em Rocha) acabou de fechar uma parceria com o SESC Triunfo para realização de um festival de escalada ainda esse ano no local, estamos muito ansiosos e contentes com o apoio que irá proporcionar a abertura de mais vias. Fique de olho nas redes sociais que vem coisa boa por aí!

Belo Jardim

A escalada não está se expandindo somente no quesito esportivo por aqui. Novas vias tradicionais longas estão sendo abertas e Belo Jardim é o pico onde foram conquistadas recentemente duas belas linhas de escalada de aventura. Quem já saiu de Recife com destino a Brejo guiado pelo Google maps possivelmente foi levado pelo pior caminho, mas ao menos, teve a chance de vislumbrar a Pedra do Caboclo, próximo da Serra dos Ventos, distrito de Belo Jardim. A Pedra do Caboclo possui uma antiga caminhada até o cume, são cerca de 1h30 pra chegar andando lá em cima. O pessoal da cidade gosta de subir e acampar por lá, pois o visual é incrível! Essa caminhada é a primeira exigência do dia de aventura de quem for escalar por lá. É necessário chegar ao antecume e descer por mais meia hora até a base das vias. A boa notícia é que não precisa rapelar, a saída é por cima.

Na primeira investida fomos guiados pelo Bruno, que foi meu aluno no curso básico e nos levou pra conhecer sua cidade. Ele nos indicou a enorme chaminé que corta a pedra do começo ao fim como uma alternativa de conquista rápida. Nesse dia nasceu a “*Chaminé Belo Jardim*” (5° VI E3 180m), conquista minha e do Paulo Brito, 180 metros por dentro de uma grande greta, molhada em muitos trechos, laçando blocos, árvores raízes, algumas pedras soltas no caminho, protegendo em móvel também, bate-mos ao todo 06 chapeletas ao longo da via, contando as duas da parada. Nesse dia por motivos de logística o Bruno não pôde nos acompanhar, mas na semana seguinte, ele e Rafael (outro escalador local) fizeram a primeira repetição da via. O Bruno foi de tênis, eles não tinham peças móveis. Retornei com Miguel em outra ocasião e entramos em uma linha que eu tinha visualizado anteriormente. A primeira investida rendeu apenas 50 metros e fomos expulsos por uma tempestade. Retornamos em seguida e conseguimos concluir a via, dessa vez com a ajuda do Bruno e do tempo que permaneceu nublado sem chuva! Começamos por uma chaminé escalando por vezes apenas nas agarras de uma das faces, quando a fenda ficou fina descemos pra direita e alcançamos outra bela chaminé, o filé da via, chaminé exótica com agarras e totalmente em móvel, depois tem um artificial de grampos e um cliff de buraco passando por um trecho de muito musgo, e finalmente caímos na grande canaleta de vegetação. Subimos achando que iríamos bater no cume, mas o Bruno deu de cara com um grande bloco entalado que foi contornado com uma laçada de cliff e alguns grampos. Cume! “*Dia das Mães*” (5° Vlsup A1 E3 D2 165m). Ainda não demos muitas investidas por lá, mas eu sonho com as linhas que ainda temos pra conquistar em Belo Jardim!

Brejo da Madre de Deus

Seria impossível deixar Brejo da Madre de Deus de fora deste artigo, não pela antiga paixão, mas pelas novas vias abertas. Recentemente foram conquistadas duas grandes vias, com mais de 400 metros de extensão, em uma parede que estava na nossa cara, mas demoramos muito para investir nela. A Serra do Ponto é o ponto mais alto do estado de Pernambuco, com 1240 metros de altitude e até o início desse ano possuía apenas uma via de escalada, talvez a via de parede mais exi-

gente do estado: *Deuses Esquecidos* (5° VIIIb A2 E2 D3 220m), que possui apenas uma repetição sem presença dos conquistadores. Esta via localiza-se na parte mais vertical da montanha, porém a extensão não é tão grande. Em março deste ano, os moradores locais Silas Brito, Junior Macaco e Zé do Ovo fizeram algumas investidas e conquistaram uma bonita via na parte mais baixa da Serra, onde a parede é mais positiva e mais extensa, totalizando 405 metros de escalada de até IV grau: “Lutar Sempre, Desistir Jamais” é um belo passeio pra quem já se acostumou a escalar em aderência. Esta se tornou então a maior via de Brejo. Achei muito interessante a conquista da galera e fui logo repetir a via, claro, sempre de olho nas novas possibilidades que clarearam ainda mais! Aproveitei que o Alysson de Natal estava com vontade de conquistar alguma coisa e chamei-o pra uma investida em uma linha que iria do chão ao cume sem ter que varar mato. Demos duas investidas e conquistamos a “*Sublimação Direta*” (5° Vsup E3 D3 475m), que sem querer acabou se tornando a maior via do estado, com poucos metros a mais que a bela Ilusão do Sertão, na Pedra do Cachorro. A linha tem os primeiros 90 metros mais exigentes, um V grau constante de escalada delicada protegida com grampos, depois segue mais fácil até o cume, mas praticamente sem uso de proteção fixa, exceto nas paradas. Com certeza serão bastante frequentadas, especialmente no EENe de 2017 que retornará à Brejo da Madre de Deus este anos após a primeira edição no local! Conquistar vias caiu no gosto dos escaladores por aqui, pois a maioria das pessoas que está escalando no estado já ao menos se interessa por abrir novas vias. Felizmente todos tem uma boa noção de mínimo impacto e estão fazendo um bom trabalho, sem uso exagerado de proteção fixa e preservando sempre um espaço saudável entre as vias na mesma parede. Se continuarmos assim, teremos um belo futuro e um Pernambuco cheio de boas vias pra escalar! Reunimos todas as informações sobre novas vias e novos setores (guias, croquis, relatos de conquista, de escaladas, fotos, etc.) nos posts do blog escaladape.blogspot.com.br, você também encontra alguns croquis no site da ASPER: asperescalada.wordpress.com. Em caso de dúvidas e para maiores informações entre em contato (cauivc@gmail.com), será um prazer recebê-lo para escalar por aqui!



Eu sou do tempo que pra escalar, saíamos de casa no mínimo em três pessoas. Cadeirinha, 3 mosquetões, alguns cordeletes e duas costuras Simond Chamonix, esse era meu “kit” escalada em 1993 comprado na pequena e única loja de equipamentos de Caxias do Sul, a Sheid. Depois era só juntar com os equipos dos outros dois amigos e pelo menos uma via a gente equipava.

Algun tempo depois as coisas mudaram, pra “sustentar o vício” íamos juntando uma grana para comprar nas lojas de cidades grandes como, Porto Alegre, Curitiba e São Paulo, ou sempre que possível, quando alguém viajava pro exterior, aproveitávamos pra comprar os equipamentos que não encontrávamos facilmente. Com o crescimento da escalada e a abertura de várias fábricas e lojas de equipamentos no Brasil, o acesso ao esporte tornou-se mais fácil, mesmo tendo um custo mais elevado. Voltando aos anos 90... apesar das dificuldades naquele período, certas coisas ao meu ver eram mais simples, os equipos pareciam “mais objetivos”, o vestuário específico e funcional e sem “acessórios inúteis”. A tecnologia revolucionou a escalada. Não sou contra e considero sempre bem vinda. Uma corda 10mm nos anos 90, era considerada fina, hoje escalamos com cordas simples de 8,5mm e 48gr por metro sem nenhum problema. Aquilo que na época era um problema chamado peso, hoje deu lugar a equipamentos

superlight (mosquetões, capacetes, fitas, cadeirinhas, friends, etc..), no vestuário tudo muito stretch, impermeável, transpirável. Nos calçados todas as características precedentes e também a “super aderência”, é claro. Tudo muito importante sem sombra de dúvidas, até o momento que me vem em mente a necessidade de consumir das pessoas junto com a palavra moda: “substantivo feminino, conjunto de opiniões, gostos, assim como modos de agir, viver e sentir coletivos, o uso de novos tecidos, cores, matérias-primas etc... sugeridos para a indumentária humana por costureiros e figurinistas de renome.” Com um pouco de experiência adquirida em 24 anos de escalada e trabalhando a quase 12 com venda de equipamentos, dos quais seis em Arco na Itália, terra da escalada e das lojas de equipamentos (17.000 habitantes e 20 lojas), tive a oportunidade de conhecer e utilizar uma boa quantidade de produtos, chegando a conclusão que muita coisa nao passa da “reinvenção da roda”, palavras roubadas do meu

amigo Eduardo Cesar Tondo, o Duca. Muita gente pode achar estranho que alguém que trabalhe com vendas pense assim, porém posso garantir com um simples fato que, quase sempre um ano depois do lançamento, muitos desses “mirabolantes” equipos já estão fora de produção, tornando-se obsoletos ornamentos pendurados, ou dentro de alguma caixa na garagem... Somos bombardeados sempre por propagandas que nos dizem o que comprar e o que “é melhor” . Consumir é a palavra certa, independentemente do utilização ou da nossa necessidade. Muitos de nós, nos deixamos levar pela onda do momento, igual acontece com quem esta iniciando e nao adquiriu ainda a experiência necessária pra decidir por si mesmo. Mosquetões de escalada tem formas diferentes para determinados tipos de trabalhos, mas não precisam ser um “canivete suíço”, um agasalho técnico pode ser muito funcional, porém não precisa de uma abertura na altura do umbigo como única finalidade passar pro lado de fora o freio (e não é uma

brincadeira), um equipamento móvel ou um mosquetão difícil de usar com uma só mão não será definitivamente a melhor escolha, se eu continuasse, a lista seria enorme e faria inveja até mesmo a Victor Frankenstein, mas o meu objetivo não é esse... Estamos vivendo num período onde as coisas perdem facilmente o seu valor, seja no âmbito sentimental, espiritual e principalmente no material, é nossa também a responsabilidade, principalmente como pessoas mais ligadas ao meio ambiente, de não dar corda ao consumismo. Então, antes de comprar qualquer equipo, leve sempre em consideração a sua utilização e se é realmente aquilo que você precisa. A funcionalidade é muito mais importante que o colorido ou a publicidade. Se não tiver certeza, consulte uma pessoa com experiência no ramo, tire todas as suas duvidas para fazer uma aquisição necessária, mas acima de tudo inteligente! Boas escaladas a todos!

André Ilha, Por um Triz



ELISEU FRECHOU | SP

André Ilha é figura importante e influenciadora da escalada brasileira desde os anos 70. De uma geração que teve a oportunidade e coragem de impor novos estilos e posturas, é também autor de muitos artigos publicados no Brasil e exterior abordando diversos temas da escalada nacional. Conquista-

dor de mais de 700 vias de escalada pelo Brasil - e ainda em atividade - contribuiu de forma concreta para o crescimento do esporte em nosso território. Mas afinidade de André com a palavra escrita, que presenteou este mês os montanhistas brasileiros, com um livro de memórias estupendo. Por Um Triz traz diversas histórias divididas cronologicamente das muitas aventuras e roubadas que o autor passou no decorrer de quatro décadas. São 248 páginas nas quais o escalador que o ler, irá por muitas vezes se sentir na pele dos protagonistas. Pessoalmente, posso dizer que ri muito em diversas passagens, ao ler histórias que havia ouvido de forma quase lendária da boca de outros montanhistas. Distribuído pela Editora Valentina e nas principais lojas de montanhismo do Brasil, é certo de que as primeiras cinco mil cópias serão esgotadas rapidamente, portanto não perca tempo e adquira este livro histórico.

Mais que uma loja de equipamentos outdoor

NA BIVAK VOCÊ ENCONTRA

Ambiente descontraído
Assistência personalizada
Suporte técnico
As melhores marcas

Black Diamond **PETZL** **edelweiss** **CAMP** **LA SPORTIVA**

CLIMB **BONIER EQUIPAMENTOS** **CURTLO** **deuter** **THE NORTH FACE**

BIVAK OUTFITTER

e-commerce: www.bivak.com.br
11 2308 6995
Rua Caramuru, 523
Metrô Praça da Árvore, São Paulo

deuter

Workshop Deuter
Eventos gratuitos com a equipe da Deuter Brasil.

Produto técnico demanda conhecimento técnico!

inscreva-se
www.deuter.com.br/workshop

PARQUES DO RIBEIRA (II)

Na edição anterior você se informou sobre os enormes territórios dos parques naturais do Mosaico de Jacupiranga. Falei sobre quatro Parques Estaduais e, neste artigo, descrevo os demais cinco, todos eles ao sul do Estado de São Paulo. Se os primeiros eram um tanto banais, agora você irá conhecer parques de incrível beleza.

Gostaria de avisar que só uma das unidades abaixo pertence ao Mosaico, as demais sendo adjacentes – estas integram o chamado Contínuo de Paranapiacaba. Por estarem ao norte do Ribeira, mais longe do litoral, ocupam terras mais altas, sem o benefício da orla marítima. Mas isto é compensado pela presença de cavernas estupendas, que fazem deles locais únicos.

Alberto Ortenblad SP	
Nascentes do Paranapanema	
	
Quando visitei esta região, nem sabia deste novo Parque, que descobri quando investigava uma outra reserva natural. Criado em 2012, possui 22 mil ha e, como diz seu nome, visa proteger as nascentes deste que é o mais limpo rio do Estado. Na realidade, diz-se que existem nada menos do que mil nascentes onde o Paranapanema começa. O bioma do Parque é a mata atlântica, em bom estado de conservação. Ele abriga grande concentração de onças pintadas e monos carvoeiros, bem como de palmitos juçara. O Parque fica a 30 km de Capão Bonito por um acesso precário em terra. Não há até este momento nenhuma estrutura para visitação. Existe a intenção de se criar um novo Par-que nas proximidades, que seria chamado de Taquari. Seria sediado em Eldorado e teria 25 mil ha. Entretanto, um movimento ambientalista conseguiu suspender a inicia-tiva – nosso País é de fato surreal. A razão é que uma empresa privada vigia perma-nentemente o local, chamado de Fazenda Nova Trieste, de uma maneira considerada melhor do que a que Estado poderia fazer.	
Carlos Botelho	
Este parque adveio da desapropriação de uma fazenda produtora de carvão vegetal em São Miguel Arcanjo e da encampação de terras devolutas em Sete Barras. Por esta razão, ele é um dos raros exemplos de situação fundiária regular, sem moradores no seu interior. Apresenta dois núcleos, nas cidades acima, sendo que o primeiro con-centra 90% de sua visitação anual de 34 mil pessoas, suponho que quase só de escolares da região. Sua região é eminentemente agrícola.	
Entre estas duas portarias existe uma bela Estrada Parque, cujos 33 km acabaram de ser pavimentados - pasme, que boa notícia, com bloquetes, não asfalto! A estrada, que corta o parque ao meio, atravessa a Serra da Macaca, que é um trecho da de Para-napiacaba (975m), separando as bacias do Paranapanema e do Ribeira. Esta é uma antiga rota de ligação com Iguape no litoral, sendo frequentada pelos moradores. Criado em 1982 com 38 mil ha, homenageia um Secretário da Agricultura que foi patrono da imigração japonesa no início do século retrasado. É uma natureza exuberante, com a densa cobertura vegetal associada à mata atlântica. Mas, para não ser repetitivo, vou comentá-la mais adiante, quando falar dos outros parques. Há duas trilhas longas, com 9½ km ida e	

volta, do Braço do Rio Taquaral na Sede e da Cachoeira do Ribeirão Branco em Sete Barras. O primeiro não é particularmente interessante, mas o caminho do segundo é espetacular, passando segundo Márcio Amaral por manchas de mata nativa. A cachoeira não é volumosa, porém o seu entor-no na mata é impressionante, envolvida por árvores gigantescas. Os demais caminhos são curtos ou banais – talvez valha a pena visitar a Trilha dos Fornos (4 km), onde po-derá ver as ruínas dos antigos fornos car-voeiros.

Você terá de atravessar todos os 600 m vi-sitáveis desta que é a maior das cavernas paulistas, para encontrar o que parece ser a figura discreta mas ameaçadora do diabo, olhando fixamente para você de uma pa-rede frontal. É uma caverna turística, com um sistema de iluminação único no país, que procura valorizar a imensidão dos seus salões. Mas sua beleza é incrível, com as grandes paredes decoradas e os espaços impressionantes convivendo com o humilde murmúrio do rio que a escavou. Apesar do tamanho, ela é praticamente um longo cor-redor, com um único grande salão além da zona visitável.

Muitas vezes, voltando do PETAR, eu pas-sei por sua placa indicativa na estrada, mas nunca entrei. Tinha preconceito contra lo-cais turísticos (na verdade, ainda tenho) e só agora a conheci. Vejo que foi um erro, que espero você não repita. São possivel-mente 20 mil pessoas que lá comparecem a cada ano - este cálculo é meu, o Parque parece ter horror a estatísticas. O acesso é por Eldorado, porta de entra-da das cavernas calcárias da região. É um parque resultante da criação em 2008 do Mosaico Jacupiranga, com seus 40 mil ha formando contínuos florestais com as de-mais unidades da região. Talvez convenha comentar agora sobre as maiores cavernas do Estado:

Caverna do Diabo - Eldorado - 6.240m
Gruta Areias de Cima - Iporanga - 5.565m
Caverna de Santana - Iporanga - 5.040m
Gruta Areado Grande - Apiaí - 5.000m
Gruta dos Paiva - Iporanga - 3.690m
O parque ocupa um canto modesto de uma grande área recortada. Antes de chegar à Caverna, você pode galgar os quase 300m verticais que o separam do Mirante do Go-vernador (735m). Não se iluda, é uma ram-pa terrível, com um aclave de 35% ao longo de menos de 1 km de ida. Novamente, você ficará impressionado com o relevo recorta-do, a sensação de isolamento e a exuberân-

cia da serra à sua volta. A partir da caverna, você pode conhecer a Caverna do Frias (4 km) ou percorrer a Trilha do Bugio e Caver-nas do Rolado (5 km).

Se você apreciar cachoeiras, pode conhecer várias delas, como a do Dito Salu e a da Luz (ambas com 70m), a de Santa Isabel e da Ressurgência. Existe nas proximidades o chamado Circuito Quilombola, em especial Ivaporanduba e Nhungara, que só conheci superficialmente. Mas não me impressionei, parecem apenas vilas pobres, a gente acha que vai encontrar o resgate de uma cultura que não mais parece existir.

A terceira grande atração do parque é a bela Queda do Meu Deus, cujos 53m abastecem o Ribeirão das Ostras, que você já encon-trou no interior da Caverna do Diabo - um córrego que você pode percorrer por cerca de 6 km, quando encontrará cachoeiras de variadas formas e tamanhos, das quais a principal será a última. O rio é lindo, fluindo com suas águas brancas entre pedras pro-tegidas pela mata.

Intervales	
	
O acesso ao Parque Intervales acontece por Capão Bonito, quando você chegará na anti-ga Sede construída pelo BANESPA. O banco do Estado financiou no passado um pro-jeito de um agronegócio malsucedido, vindo a deter suas terras. Ao longo do tempo, o banco construiu instalações na atual Sede, que depois passaram à Fundação Florestal, que gerencia os parques de São Paulo. Em 1995 a antiga fazenda foi transformada em parque, com 42 mil ha. Suponho que seja visitado por até 13 mil pessoas por ano. É uma operação bastante interessante, que pode abrigar cem visitantes em seus quatro alojamentos, chamados de pousadas. Elas são operadas pelos antigos funcionários da fazenda, bem como seus dependentes, de uma forma incomum e simpática. Fora a Sede, existem que eu saiba três outros núcleos, destinados à educação ambiental, porém desprovidos de cavernas e de aloja-mentos. (Em uma delas existe a longa Tri-lha do Cavalo Magro, quem sabe um dia eu faça.) O Intervales compõe um importante cor-reidor biológico, junto com os parques deste artigo, todos eles somando a apreciável área de 250 mil ha – são 120 km em linha reta desde o PETAR até o Carlos Botelho. Seu ecossistema ainda preservado abriga cerca de 2 mil espécies, entre mamíferos, aves, peixes e invertebrados. Esse conti-nuo florestal contém uma fauna de amplo território, a exemplo de onças e jaguatiricas, pacas, monos carvoeiros (com metade da	

população brasileira), jacutingas e harpias. Foi recentemente achado ao sul um novo tipo de primata, o mico leão caíçara. As altas encostas da Serra de Paranapiaca-ba (1.100m) retêm as nuvens, ocasionando um microclima de muita chuva e neblina, por-tanto procure conhecê-lo no inverno. A mata atlântica apresenta trechos primários, com presença de figueiras, canelas, guapuruvus, jatobás e até mesmo de araucárias. Muitas das cachoeiras visitáveis (Mirante, Água Comprida, Arcão e Pedrinhas) podem ser aproximadas por carro, de forma que normalmente você caminhará por distâncias moderadas de 2 a 4 km ida e volta. As caver-nas exigem caminhadas de até 14 km, sendo as principais a Gruta Colorida, o Fendão e a Gruta dos Paivas. Finalmente, vale a pena subir ao Mirante da Anta (2 km íngremes, ida e volta). O Intervales é um lugar privilegiado, muitas destas atrações são espetaculares (ver mapa), em especial o enorme pórtico do Arcão, ao qual você chega por dentro do rio.

Petar	
	
Este que é um dos mais antigos parques de São Paulo, é também um dos mais bel-os do Brasil. Seus grandes atrativos são as cavernas calcárias, das quais existem possi-velmente 400. Após as pesquisas pioneiras de Richard Krone no século retrasado (ver adiante), o Estado adquiriu inicialmente dez cavernas, que foram o embrião para a forma-ção do parque em 1958. Sua área é de 36 mil ha, sendo visitado anualmente segundo Sérgio Ravacci por 30 mil pessoas. É um parque polêmico, sendo ameaçado por minerações ilegais, extração de palmito, caça clandestina e contaminação dos rios. Apesar disto, sua mata é conside-rada íntegra, como você soube no meu co-mentário acima. O parque é distribuído pelos municípios de Iporanga e Apiaí, por onde transitavam os índios para o litoral. Iporanga é uma vila anti-ga, com casario que remonta à sua fundação no século XVI, motivada pela busca do ouro. Apiaí teve a mesma origem, porém dois sé-culos depois. Como é comum em lugares iso-lados, a região contém antigas comunidades quilombolas, caipiras e caíçaras. Iporanga (população de 4 mil) provavelmente perdeu moradores, mas Apiaí (com 25 mil) conse-guiu crescer à base da indústria cimenteira. O parque é dividido em quatro núcleos, sen-do Santana o principal deles. Os demais são Caboclos, Ouro Grosso e o pouco visitado Casa de Pedra (ver mapa). Houve um perí-odo em que suas cavernas foram fechadas, à espera de seus planos de manejo, mas hoje doze delas são visitáveis. Além de cavernas,	

Mapa do PETAR	Mapa de Intervales
	
Biografias Ilustres	
	

apresenta belíssimas cachoeiras.

A mais visitada caverna do parque é San-tana, localizada numa abrupta vertente no vale do caudaloso Rio Betari. Ela é enor-me, com grandes salões e um lago surreal, sendo lindamente decorada por estalactites e estalagmites, cortinas e colunas, traveti-nos, velas e helictites. Hoje só seus 500 m iniciais são visitáveis, com ajuda de escadas e passarelas. Mesmo sendo turística, você não deve evitá-la, tão surpreendente é a sua beleza.

Água Suja é uma caverna muito especial para mim, foi meu primeiro passeio ecotu-rístico, numa época pré-diluviana em que achava que poderia levar meus pertences em malas, não em mochilas. É uma forma-ção molhada, onde mais ao fim você deve mergulhar para evitar uma parede e poder encontrar uma maravilhosa cachoeira in-terna, hoje impedida. Morro Preto e Couto são duas cavernas interligadas e a pequena Cafezal é conhecida por sua decoração. Ao longo do Rio Betari você poderá conhecer as incríveis quedas chamadas Andorinhas (35m) e Beija Flor (45m) - a maior do parque é a Cachoeira das Arapongas (65m), que fica no rumo de Apiaí.

A Caverna Ouro Grosso fica no núcleo de mesmo nome, sendo uma das formações mais radicais e bonitas do parque. Existem nada menos do que quatro cachoeiras no seu interior, cujo acesso é bastante difícil. Por ser perigosa, apenas 200 m estão aber-tos à visitação. Outras formações são Alam-bari de Baixo, com seu pórtico gigantesco, e Lage Branca, com seu imenso salão, infeliz-mente fechada - é inesquecível o dia em que todos apagamos as luzes para ouvirmos na negra escuridão uma melodia de flauta.

A grande atração do núcleo Caboclos é a Caverna Temimina, atingida depois de uma longa trilha. As dolinas, causadas por enor-mes desabamentos, formam um cenário má-gico, que a visão capta mas a mente custa a compreender. Em contraste, a caverna em si é graciosamente pequena, apesar de só ser atravessada com água pela cintura. O núcleo contém ainda as delicadas Chapéus e Aranhas. Fica nas proximidades a cênica Cachoeira Sete Reis. Tive a sorte de penetrar (e dormir) na Ca-

verna Casa de Pedra quando não era ainda proibida. A aproximação de sua parede gi-gantesca, que parece querer desabar sobre você por dentro da mata, foi uma das mais fortes experiências que jamais tive. Sua boca de 215 m é uma das maiores do mundo, vale a pena a longa caminhada de 3 hs de ida apenas para conhecê-la. É impressionante o caudal do Rio Maximiniano, que forma uma piscina antes de se precipitar numa cachoeira caverna adentro. Mas quem sabe você deva esperar para vi-sitar o PETAR, pois novas atrações estarão sendo habilitadas: as pequenas Arataka e Monjolinho, novos salões em Santana, mais Pescaria e Desmoronada – e a passagem Morro Preto-Couto, além da travessia da Casa de Pedra! Entretanto, o Parque não pa-rece contar com recursos para tantos novos planos de manejo. Enquanto isso, metade da população de Iporanga trabalha para a Pre-feitura - que o bom senso faz supor não de maneira produtiva.

Talvez seja oportuno lembrar como se dá a formação das cavernas calcárias. A rocha cal-cária é solúvel na água, desde que ácida. Nos locais onde o relevo é acidentado e fraturado, esta penetra nas fendas e aos poucos dilui a rocha. Formam-se cavidades que vão sendo ampliadas, gerando os corredores e salões das cavernas. Cavernas não têm luz, calor, vento ou barulho – quando este existe, o ruí-do é apenas o eco dos rios de seu interior. E nem vegetação, apenas fungos e bactérias. Os poucos animais que lá habitam não têm cor nem olhos, já que sem luz não podem ver nem ser vistos. O ambiente estável das ca-vernas fez com que servissem de moradia, de cemitério e de santuário.

Queria terminar este texto com uma reflexão sobre o significado para mim das cavernas. Meu hobby são as montanhas, mas reconhe-ço que as cavernas – talvez junto apenas com o fundo do mar – são manifestações únicas e extremas da natureza. Às vezes eu as vejo como úteros profundos, que abraçam e pro-tegem. Outras vezes como catedrais, na sua monumentalidade de pedra. Às vezes como relicários, preservando nosso passado no seu escuro silêncio. Ou ainda como amedronda-dores seres mágicos de uma vida sem tempo.

O Bacharel de Cananeia	
	
Há algumas pessoas que, de alguma for-ma, contribuíram para o desenvolvimento da região objeto destes dois artigos. Resu-mo abaixo suas biografias.	
Richard Krone	
Nascido na Alemanha, ingressou na Mari-nha de seu país, chegando em Iguape aos 23 anos, onde viveu o resto de sua vida. É curioso como as pessoas eram versáteis nos fins do século XIX: Krone trabalhou como farmacêutico, retratista, arqueólogo, funcionário público, ornitólogo e por aí vai. Por mais de dez anos realizou um levanta-mento sistemático e pioneiro das cavernas de Iporanga. Descobriu a Caverna do Diabo junto com o dinamarquês Peter Lund, bem como a monumental Casa de Pedra. Estu-dou o curso subterrâneo de rios, a geolo-gia e a zoologia da região e o bagre cego que leva o seu nome. Morreu aos 56 anos, como um membro querido da sociedade de Iguape.	
Paulo Duarte	
Considera-se que a origem do PE da Ilha do Cardoso seja fruto da apaixonada per-severança do Professor da USP Paulo Duarte, organização aliás que ajudou a	

fundar. À semelhança de Krone, ele tinha múltiplas aptidões: foi arqueólogo, poeta, biógrafo e jornalista. Conseguiu conter os empreendimentos imobiliários a ilha, impe-dir a devastação dos sambaquis e paralisar a exploração da fauna e da flora. Participou dos estudos sobre a pré-história e a ocea-nografia da região. Foi exilado duas vezes do país na década de 1930 e, cassado pela ditadura, veio a falecer com 85 anos.

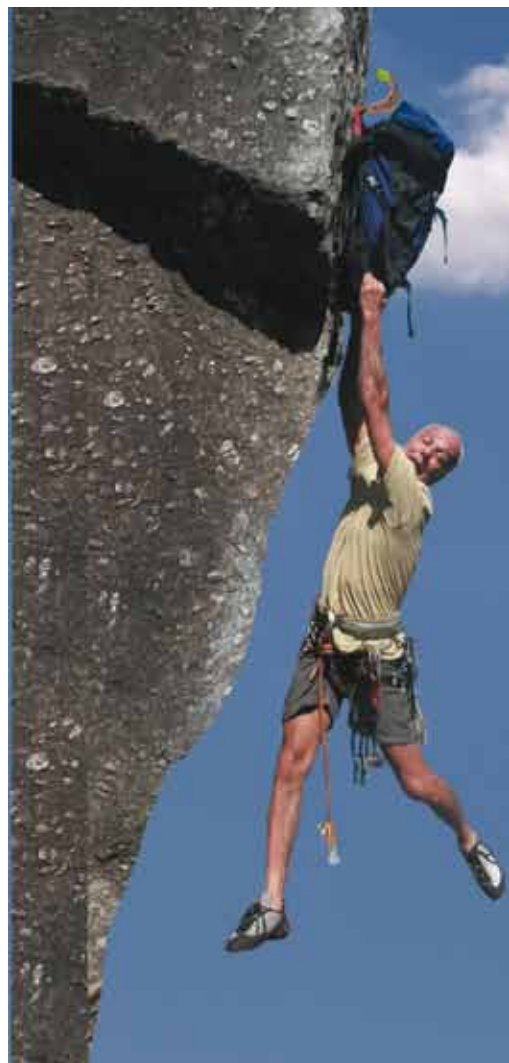
Clayton Ferreira Lino	
	
O Mosaico de Jacupiranga resultou do tra-balho de dois anos de um Grupo de Traba-lho, sob a coordenação de Clayton Lino. Você pode imaginar a quantidade de pes-soas, reuniões, instituições e negociações envolvidas, até que esta iniciativa inovado-ra fosse sancionada. Clayton Lino parece curiosamente replicar as habilidades dos outros naturalistas citados: quase foi físico, formou-se em arquitetura e antropologia e tornou-se espeleólogo praticante. Foi o pri-meiro diretor e o único funcionário do PE-TAR, quando lá havia uma dúzia de minera-ções e três serrarias. Foi fundador da SOS Mata Atlântica, participando de inúmeros grupos ambientalistas. Tinha 54 anos quan-do o Mosaico nasceu. São para mim inspira-dores seus comentários sobre as cavernas. Alberto Ortenblad, São Paulo ortenblad@terra.com.br	

O Bacharel de Cananeia	
	
O Bacharel Cosme Fernandes é uma das mais fascinantes figuras de nossa história precoce. Embora um homem letrado, era um degredado que chegou à Ilha Compri-da, dependendo das fontes, um ano antes ou um ano depois que Cabral chegou ao Brasil. Hoje parece assegurado ter funda-do a mais antiga vila brasileira, Cananeia, em 1502. Com o tempo, tornou-se grande senhor de terras e escravos, operando um ativo entreposto, aliando-se aos índios gua-ranis e dominando audaciosamente nossa costa. Junto com o espanhol Ruy Mosche-ra, derrotou os portugueses na primeira batalha de nossa colonização e devastou a vila de São Vicente. Foi provavelmente morto pelos índios, já com idade avançada.	
Richard Krone	
Próximo a entrada da parte alta do Parque Nacional do Itatiaia. Em frente a pedra do Picu, a vinte minutos do BPO e outros points de escalada e montanhismo. Quartos de casal e coletivo. Área de convivência com lareira. A sua casa na montanha!	
#hostel Picus .com.br	
Abrigo de Montanha (35) 9119.9153 Itamonte - MG	

GENUINAMENTE
ARTESANAL
 PRODUZIDA NO VALE DOS
SERRANOS
SÃO BENTO DO SAPUCAÍ

BLACK IPA - PRIMEIRA NO BRASIL | 5,3%ABV | 40 IBU
 BLONDE ALE - RECEITA BELGA | 6,3 ABV | 15 IBU
 RED ALE - LEVE E SUAVE | 4,0 ABV | 17 IBU
 WITBIER - TRIGO E ESPECIARIAS | 6,5 ABV | 11 IBU

LOJA DE FÁBRICA:
 ESTR. SERRANOS, KM2
 SÃO BENTO SAPUCAÍ
 (12) 3971.1470

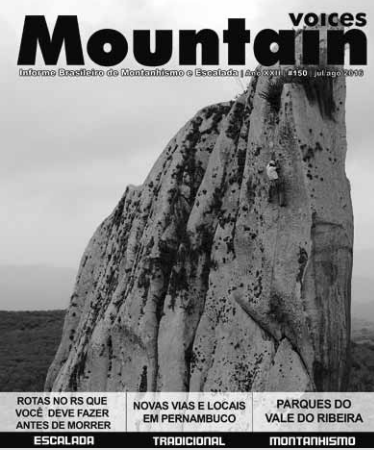
RESISTE !



EQUINOX

Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

Mountain Voices é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes. Editor: Eliseu Frechou Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí - SP, cep 12490-000. E-mail: contato@montanhismus.com.br. Web site: www.mountainvoices.com.br. Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



Capa: Caui Vieira escalando Idéia de Jericó.
Imagem: Wolgrand Falcão.

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/10/2016.

Nome.....
 Endereço.....
 Cidade.....Estado.....
 CEP.....Telefone.(.....).....
 E-mail.....
 Idade.....Profissão.....

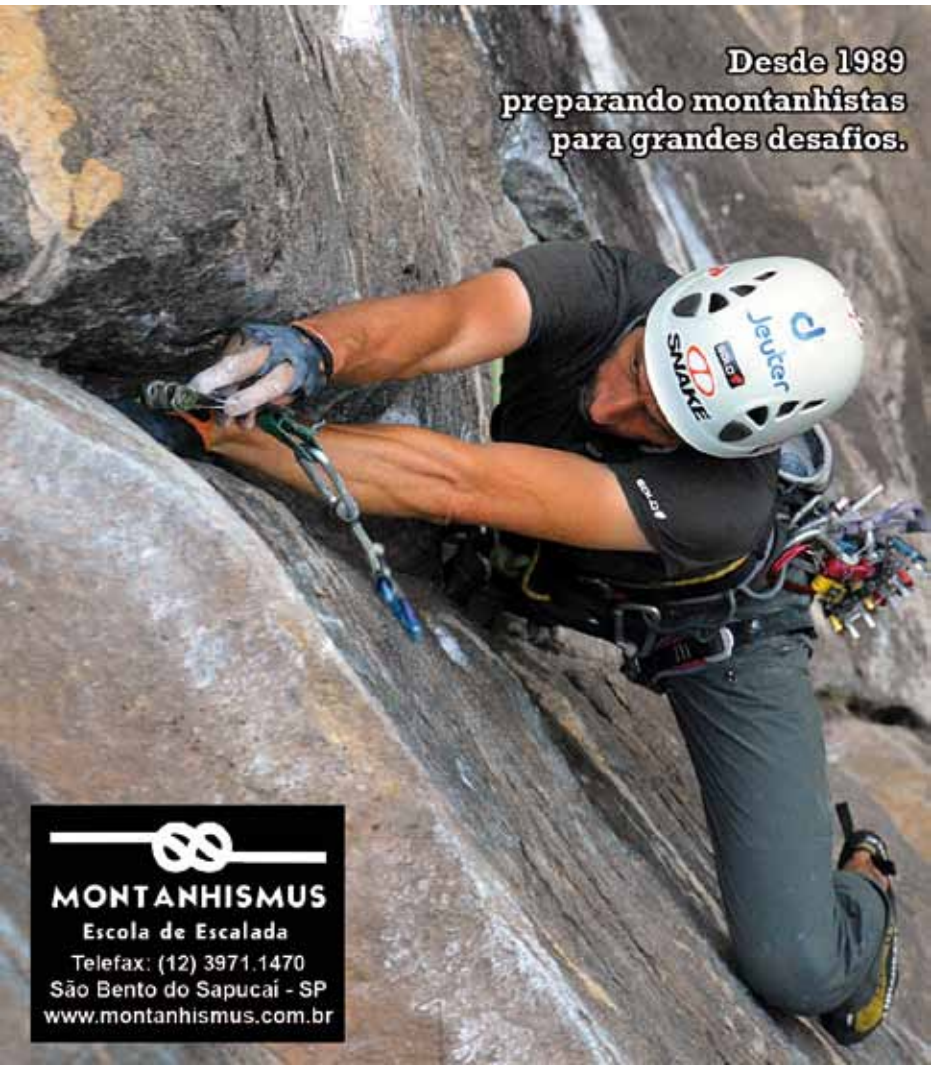
Como conheceu Mountain Voices?.....
 Já participou de: () Campeonato () Encontro () Palestra
 Que modalidade pratica com mais assiduidade: () Caminhada
 () Escalada tradicional () Escalada esportiva () Boulder

() Assinatura Mountain Voices - R\$ 30,00
 () Renovação assinatura - R\$ 20,00
 () Assinatura 2 anos - R\$ 40,00
 () Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar
 () Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 25,00
 () Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 25,00
 () Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 25,00

Total00

150

Desde 1989
 preparando montanhistas
 para grandes desafios.



MONTANHISMUS
 Escola de Escalada
 Telefax: (12) 3971.1470
 São Bento do Sapucaí - SP
 www.montanhismus.com.br

**ACREDITE
 NO PODER
 DA AVENTURA
 E VIVA ESSA
 CONQUISTA.**



**PRODUTO BRASILEIRO
 ORGULHO NACIONAL**

CONQUISTAMONTANHISMO.COM.BR
 FB.COM/CONQUISTAMONTANHISMO1990
 INSTAGRAM.COM/CONQUISTAMONTANHISMO



THE EVOLUTION OF
ADVENTURE FOOTWEAR.



ANDINA


SNAKE
WWW.SNAKE.COM.BR